

ENVOLVIMENTO EMOCIONAL DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM COM O PACIENTE REFLEXOS DESSA EXPERIÊNCIA NA VIDA FUTURA DO PROFISSIONAL

Rita dos Santos¹, Maria Goretti Ferreira Ayres¹, Selma de Castro Cardoso¹ e Denise de Assis Corrêa²

SANTOS, R. et alii. Envolvimento emocional do acadêmico de enfermagem com o paciente; reflexos dessa experiência na vida futura do profissional. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília 39 (1): 61-66, jan./mar., 1986.

RESUMO. O presente estudo aborda o envolvimento emocional do acadêmico de enfermagem com o paciente, e seus reflexos na sua vida futura como profissional. Os autores, a partir de suas observações e experiências no ensino clínico do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia, discutem a diferença entre o relacionamento do profissional e do acadêmico de enfermagem com o paciente, analisando também a influência que este exerce em sua recuperação. Inclui reflexões sobre os prejuízos que o desconhecimento dos limites deste relacionamento acarreta para ambos e alguns recursos utilizados para a superação de conflitos.

ABSTRACT. This work puts in evidence the emotional involvement between the nurser student and his patient, and yet the consequences of this in his future professional life. The authors based in their clinic learning of *Graduação em Enfermagem e Obstetrícia*, debate the difference between the professional and the nursery student relationship with the patient, also analysing the influence of this in the recovery. Includes reflexions about the damage caused by non-acquaintance of the relationship limits, what this brings to both and also about the resources used to overcome the conflicts.

INTRODUÇÃO

Problema

No decorrer do ensino clínico, utilizando-se a observação nos contatos do acadêmico de enfermagem com o cliente, fomos levados a questionar sobre as influências do envolvimento emocional estabelecido entre ambos, a influência na recuperação do cliente e quais as conseqüências deste envolvimento na formação do profissional.

Durante o curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia, é ministrada ao acadêmico uma série de informações teóricas sobre o relacionamento enfermeiro-paciente, as quais devem ser adicionadas à sua formação profissional, porém não lhe é transmitido o grau desse envolvimento.

Alguns pacientes que se encontram hospitalizados tendem a desenvolver um alto nível de carência afetiva e emocional, decorrente de seu afastamento familiar, de seu contato com pessoas es-

1. Alunas do 5º período do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia da Universidade do Rio de Janeiro – UNI-RIO.
2. Enfermeira do Centro de Aperfeiçoamento e Pesquisa em Cirurgia Cardíaca do Hospital dos Servidores do Estado – INAMPS.

tranhas e até mesmo pelo aspecto do seu estado patológico. Essa carência pode ser suplantada através do seu relacionamento com o enfermeiro. Este, porém, por encontrar-se muitas vezes envolvido por tarefas administrativas, limita suas ações assistenciais. O acadêmico, por ter predominantemente uma atividade direcionada ao ato de cuidar, possui maior oportunidade neste relacionamento. No entanto, devido à sua inexperiência, poderá assumir uma postura superprotetora, gerando no paciente uma dependência que irá influir negativamente em sua recuperação. Ao conscientizar-se dos reflexos dessa dependência e ao questionar-se sobre os elementos envolvidos, poderá o acadêmico de enfermagem ultrapassar alguns obstáculos, facilitando-lhes a compreensão de situações semelhantes, caso estas surjam em sua vida como profissional. Quando isto não ocorre, tende a afastar-se do paciente, adotando uma postura que com o passar do tempo poderá resultar em indiferença.

Justificativa e Importância do Estudo

O problema descrito, fundamentado em nossas observações e em estudos e experiências já publicadas, visa levar os profissionais de enfermagem a refletir sobre o envolvimento com o paciente a fim de que sejam criadas melhores condições para este relacionamento possibilitando que, em estudos futuros, surjam contribuições para um melhor desempenho profissional dos mesmos.

Objetivos

- Analisar alguns aspectos do envolvimento emocional entre o acadêmico de enfermagem e o paciente.
- Caracterizar o tipo de envolvimento que o acadêmico tem com o paciente e a relação deste envolvimento manifesto quando profissional de enfermagem.
- Refletir sobre as conseqüências do não envolvimento do profissional com o cliente durante a fase de recuperação do mesmo.

METODOLOGIA UTILIZADA

O estudo realizou-se concomitantemente ao Ensino Clínico do Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia, sendo este mais precisamente desenvolvido na disciplina de Enfermagem Geral B, no período de 180 horas, sendo, conforme mencionou-se anteriormente, o questionamento de si-

tuções vivenciadas o motivo pelo qual decidiu-se a investigação do aspecto relacionamento.

O campo de atuação e desenvolvimento da observação foi um Hospital Universitário, classificado como de médio porte, que para este estudo será denominado como Hospital X, a fim de preservar a sua identificação e manter-se, deste modo, os princípios recomendados pela ética profissional.

A população inclui pacientes internados para tratamento na Clínica Médica, sendo utilizado um instrumento para controle da observação do relacionamento de outros elementos do grupo (acadêmicos de enfermagem) com seus pacientes, e experiências vivenciadas por ocasião da prática.

DESENVOLVIMENTO

Formação Teórico-Prática do Acadêmico de Enfermagem

As disciplinas ministradas durante o curso básico visam a transmissão de conhecimento sobre aspectos gerais do funcionamento, anatomia e relacionamento do indivíduo com o meio ambiente e as influências destes sobre o seu estado de saúde bem como suas respostas a estas influências. A partir do início do curso profissional, o ensino de disciplinas envolvidas diretamente com a profissão de enfermagem torna-se gradativamente maior e começando a notar-se uma maior preocupação em posicionar o acadêmico em seu campo profissional, através de conhecimentos ministrados sobre desenvolvimento de suas habilidades técnicas e pessoais para atender às necessidades do paciente. Tais necessidades são satisfeitas mediante a aplicação de conhecimentos científicos, habilidades pessoal e profissional durante sua formação acadêmica.

Nesta fase, o acadêmico começa a ter um conhecimento mais profundo de sua vida profissional e, simultaneamente, devido às normas curriculares, é levado a pôr em prática esses conhecimentos à medida que lhe são ministrados, sem ter oportunidades de questionar sobre o tipo de relacionamento com o paciente e sobre os reflexos deste na vida profissional.

Segundo HORTA⁴, durante o relacionamento enfermeiro-paciente, este deve ser visto como um todo para que o enfermeiro possa atender satisfatoriamente suas necessidades físicas, emocionais e sociais. Porém, durante o curso, o acadêmico não é informado sobre os limites deste relacionamento. O questionamento das conseqüências desse envolvimento depende da capacidade perceptual e da

formação pessoal do acadêmico. Esse fator será decisivo em sua vida profissional, levando-o a assumir uma postura ou de afastamento, que poderá resultar no desempenho de tarefas meramente administrativas, ou numa aproximação do paciente, auxiliando-o na resolução de seus problemas da melhor maneira possível, visto ser este um indivíduo que se encontra em acentuado estado de carência afetiva e emocional.

Aspectos emocionais do paciente

O paciente é um indivíduo que geralmente possui uma carência afetiva muito grande. Por afastar-se de sua família e ficar em contato com pessoas estranhas, pelo sofrimento imposto por seu estado patológico ou mesmo pelo fato de ser obrigado a estar em um hospital cujo significado possui uma conotação negativa, manifestará comportamentos variáveis resultantes da sua própria percepção e capacidade de adaptação a esse novo meio.

Ao ser admitido em um hospital, começa a existir em seu interior um sentimento de angústia caracterizado pelo medo e ansiedade. Nesta fase, começa a sentir-se sozinho e deprimido, sendo levado a refletir sobre o tipo de ambiente em que se encontra. Logo, o fato de estar em um hospital, associado à carência, gera uma debilidade emocional muito grande.

O estado de depressão e carência afetiva poderá ser agravado se ao paciente são negados os direitos de conhecer a verdade sobre seu estado de saúde, de questionar sobre a terapêutica que lhe é aplicada ou, como mais comumente ocorre, se for tratado como um número de registro, leito ou caso da doença X ou Y, onde os profissionais da equipe deixam de individualizá-lo e o tratam como mais um entre muitos. Será de grande importância deixar que o paciente expresse seus sentimentos, que, conforme cita STEFANELLI⁷, é feito através da utilização de técnicas terapêuticas de comunicação. Para STEFANELLI et ali⁸, são importantes o oferecimento de apoio, o estabelecimento de limites e a ajuda na expressão de sentimentos, como medidas para que se processe o relacionamento enfermeiro-paciente.

O entrosamento ao novo ambiente é de grande importância para que os resultados terapêuticos sejam favorecidos. Torna-se necessário adaptá-lo ao ambiente hospitalar, fazê-lo perceber que sua presença é fundamental e que é aceito pelo grupo, caso contrário se sentirá abandonado e desestimulado ao tratamento. Aceitar o pa-

ciente não é somente compreendê-lo, é também considerá-lo como ser humano, com sentimentos e valores que lhe são peculiares. Isto só será possível, através da capacidade do profissional em detectar as necessidades afetadas do paciente, o que será conseqüência da forma de relacionamento por ele desenvolvida enquanto acadêmico de enfermagem.

Relacionamento acadêmico/paciente

O relacionamento acadêmico/paciente pode ser considerado como uma base para o relacionamento profissional/paciente. Através dele, auxiliamos o paciente a comunicar suas necessidades, mantendo com este um clima de atenção e amizade, a fim de lhe transmitir segurança e confiança, para que este nos comunique não só suas necessidades elementares, mas também suas aspirações e problemas mais profundos, que podem influenciar em seu estado de saúde.

Todo estado de tensão, angústia e carência afetiva experimentado pelo paciente pode ser atenuado por ocasião do seu relacionamento com o acadêmico de enfermagem, tendo maiores possibilidades de contato com o cliente devido ao menor número de responsabilidades que lhes são impostas, quando comparadas às do enfermeiro. Enquanto acadêmico permanecerá maior tempo junto ao paciente e estará diretamente voltado à prestação de cuidados necessários ao seu restabelecimento.

Porém, ao mesmo tempo, torna-se mais fácil o seu envolvimento emocional, pois, por não saber o limite desse envolvimento, começa a relacionar-se de tal forma que, quando percebe, o envolvimento emocional já está instalado. Geralmente prestamos menor atenção a detalhes importantes ou não percebemos que o envolvimento emocional está em nível não terapêutico. A partir deste ponto de vista e dependendo da formação pessoal do acadêmico, o paciente pode vir a desenvolver um quadro de dependência que o levará a exigir o tratamento feito somente por aquele acadêmico, retardando o seu restabelecimento. Desta forma, quando, por algum motivo, o acadêmico precisa se afastar do cliente, o mesmo poderá ter seu estado agravado, por acomodação ao estado patológico ou por revoltar-se, rejeitando a terapêutica.

Muitas vezes, o acadêmico, na ânsia de desempenhar bem suas tarefas, acaba desenvolvendo atitudes mecânicas e, deste modo, a humanização será gradativamente esquecida. Segundo SARANO⁶, essa posição consiste em uma atitude de

defesa e não de eficiência, sendo-lhe mais cômodo realizar atitudes mecânicas. Como resultado disto, o paciente criará uma barreira no relacionamento de forma a não transmitir o que sente, dificultando sua recuperação devido à perda de confiança.

Portanto, ao refletir-se sobre esses aspectos, pode-se concluir que tanto o envolvimento quanto o não envolvimento ou alienação são prejudiciais para o paciente. Por esses motivos, será importante saber quais os limites desse relacionamento para que ambas as partes sejam beneficiadas.

O estabelecimento de limites é um aspecto do relacionamento enfermeiro/paciente que irá ajudar o paciente a diminuir o seu nível de ansiedade, proporcionando-lhe, assim, condições para testar padrões de comportamento mais adequados (ARANTES et alii¹).

O estabelecimento destes limites contribui, de maneira valiosa, para a criação de um ambiente no qual o paciente se sinta seguro. A criação de tal ambiente será ditada principalmente pela aquisição de um certo grau de empatia que leve o profissional de enfermagem a aceitar e compreender as diferentes personalidades de seus pacientes e situações por ambos vivenciadas.

Relacionamento profissional paciente

Há componentes fundamentais das pessoas que, segundo alguns autores (ARANTES et alii¹, STEFANELLI et alii⁸), estimulam o êxito e eficácia do relacionamento terapêutico enfermeira/paciente. Esses componentes são o sentimento de ser amado, sentimento de confiança, de auto-estima, de dependência, de independência, interdependência, empatia e envolvimento emocional.

Para exercer a profissão, o enfermeiro precisa ser atencioso, compreensivo, amoroso, ver o paciente como um todo e entre outros atributos precisa gostar do que faz. É importante não deixar que os problemas e perturbações interfiram nesse relacionamento. A capacidade de percepção e observação do enfermeiro deve estar em sintonia, para que seja capaz de captar, através da comunicação verbal e não-verbal que mantiver com o paciente, seus verdadeiros sentimentos.

Segundo EPSTEIN³, além de percepção são necessárias habilidades para compreender o que o paciente comunica sem palavras e ajudá-lo a comunicar suas necessidades.

O enfermeiro está em situação privilegiada e única, pois pode manter-se em interação com o paciente em tempo mais prolongado que os

outros profissionais da equipe. Assim sendo, a contribuição mais importante que ele pode oferecer ao paciente é ajudá-lo na sua recuperação por meio do relacionamento que estabelece com ele, demonstrando experiência emocional saudável, em vez de somente investigar o processo patológico.

Na realidade, isto não ocorre, pois ao profissional de enfermagem são impostas não só responsabilidades ligadas diretamente a coordenação, mas também serviços administrativos, que o impedem de dispensar cuidados ao paciente, fazendo-o assumir a posição de observador e controlador do estado do mesmo, sem no entanto envolver-se diretamente com seus problemas, deixando que esse aspecto seja visto por suas tarefas para que os outros realizem.

Um dos instrumentos usados nesse relacionamento é o diálogo. Falar com o paciente é fácil, quando não há preocupação com os efeitos de nossas palavras e ações sobre o comportamento do paciente; interagir com este só se torna terapêutico quando o enfermeiro está consciente de sua comunicação e assume responsabilidades sobre esta.

Uma das funções mais importantes do enfermeiro é o seu relacionamento com o paciente; pois ao localizar os aspectos saudáveis e conscientes do paciente, por meio do relacionamento significativo, poderá ajudá-lo a readquirir sua saúde. Salienta-se, ainda, a importância da personalidade do enfermeiro para o desenvolvimento do relacionamento terapêutico.

O enfermeiro deve procurar não se envolver emocionalmente ao ponto de prejudicar o paciente, mas deve ser capaz de rir, chorar ou calar-se, sem esquecer que deve transmitir-lhe segurança. Daí a importância quanto à segurança emocional e profissional.

O relacionamento enfermeiro/paciente é meta a ser atingida, função específica do enfermeiro e não "mero acontecimento"; é a interação planejada, com objetivos definidos, entre duas pessoas, na qual ambas modificam seu comportamento, construtivamente com evolução do processo de relacionamento. Este deve ser solidificado a cada dia para que o paciente sinta-se fortalecido e alcance a cura de sua enfermidade, até porque, através do diálogo, pode-se transmitir todo o positivismo que lhe falta em relação a sua saúde. O que ocorre em maior grau durante o seu relacionamento após tornar-se profissional.

Contraste entre relacionamento acadêmico/paciente x profissional/paciente

Entre estes dois relacionamentos, são observados grandes contrastes, evidenciados principalmente pelas diferenças de atribuições e experiências do acadêmico e do profissional que fazem com que o primeiro tenha maiores possibilidades de contato com o paciente, não ocorrendo o mesmo com o profissional.

Em relação ao tratamento, o paciente se encontra frente a duas realidades: quando tratado por funcionários; e quando tratado por acadêmico de enfermagem. No primeiro caso, recebe um bom tratamento, mas que não é exclusivo, não suprimindo sua carência afetiva, pois os funcionários precisam dividir suas ações entre outros pacientes. Já no segundo caso, recebe um tratamento mais individualizado, pois o acadêmico, além de ter no máximo três pacientes, não possui a mesma quantidade de tarefas que os funcionários, apresentando maior tempo para exercer atividades terapêuticas e psicológicas, suprimindo as necessidades psicobiológicas, psicossociais e talvez até psicoespirituais, podendo deste modo tratar o paciente como um todo, conforme recomenda HORTA⁴.

O acadêmico possui uma maior possibilidade de dialogar com o paciente e de permanecer maior tempo ao seu lado. Isso faz com que ele perceba que não é mais um no meio de tantos pacientes. Começa, então, a transmitir os frutos de sua carência emocional. Poderá surgir uma dependência emocional progressiva, cabendo ao acadêmico contornar a situação, a fim de que a terapêutica não sofra influências deste relacionamento. Já o enfermeiro encontra maiores dificuldades para se dedicar aos pacientes de modo integral, o que não quer dizer que não possa aproximar-se deles e conciliar as tarefas administrativas e práticas. No entanto, se se distanciar do paciente, com o passar do tempo, poderá diminuir a sua confiança e perder a sua identidade.

Conseqüências deste relacionamento na vida profissional

É essencial que o enfermeiro esteja consciente do grau de envolvimento que está ocorrendo na interação com o paciente, pois que as necessidades que devem ser satisfeitas são as do paciente e não as suas; ele deve ser capaz de dar alguma coisa de si, dedicar um certo tempo ao paciente, preocupar-se e demonstrar interesse por ele sem nada exigir em troca; deve ser capaz de permitir

que o paciente necessite cada vez menos dele, à medida que recupera a saúde, ao invés de mantê-lo dependente.

O envolvimento emocional do acadêmico de enfermagem com o paciente durante o desenvolvimento do relacionamento pode gerar nele, quando profissional, uma posição de fuga de situações semelhantes as que o levaram a envolver-se com o paciente. Isso faz com que se empenhe no desenvolvimento de tarefas que o afastam da relação de ajuda a ser mantida com o paciente, tornando-o, assim, um mero espectador ou até mesmo apenas um ouvinte das condições em que se encontram os pacientes que deveriam estar sob seus cuidados.

Quando o acadêmico consegue detectar, analisar e questionar os conflitos existentes nesta interação, poderá com o passar do tempo delinear os limites deste relacionamento, conseguindo, assim, manter com seus pacientes uma relação verdadeiramente de ajuda na satisfação de suas necessidades, de forma harmoniosa e benéfica para ambos.

CONCLUSÃO

Tais observações, quando detectadas pelo acadêmico, poderão ajudá-lo a vencer a falta de experiência impedindo de gerar no paciente uma condição de total dependência de seus cuidados. Estas reflexões o ajudarão também a detectar e a limitar suas ações, fazendo com que, assim, consiga vencer as dificuldades que advirão, em vez de afastar-se de situações semelhantes que, no futuro, irão comprometer a sua formação profissional.

A partir de todas as experiências vividas durante o desenvolvimento do trabalho e relacionamento com pacientes, podem-se delimitar os graus do envolvimento, o que é decisivo para alcançar-se um amadurecimento pessoal e profissional. Tal amadurecimento leva-nos gradativamente a determinar os limites deste relacionamento.

SANTOS, E. et alii. The emotional involvement between the nursery student and his patient – reflections of that experience in the future life of professionals. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 39 (1): 61-66, Jan./Mar., 1986.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARANTES, E.C. et alii. Estabelecimento de limites como medida terapêutica de relacionamento enfermeiro-paciente. *Rev. Esc. Enf.*, USP, São Paulo, 15(2):155-60, ago. 1981.

2. COSTA, F.N.A. Relacionamento terapêutico enfermeira-paciente: relato de experiência de uma estudante. *Rev. Esc. Enf.*, USP, São Paulo, 17(1):77-80, abr. 1983.
3. EPSTEIN, C. *Interação efetiva na enfermagem*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1977.
4. HORTA, W.A. *Processo de enfermagem*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1979.
5. SAKODA, L.T.P. Relacionamento terapêutico aluna-paciente – relato de uma experiência. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 37(1):72-6, jan./mar. 1984.
6. SARANO, J. *O relacionamento com o doente*. São Paulo, EPU, 1978.
7. STEFANELLI, M.C. Relacionamento terapêutico enfermeira-paciente. *Rev. Esc. Enf.*, USP, São Paulo, 17(1):39-45, abr. 1983.
8. ——— et alii. Aceitação, empatia e envolvimento emocional no relacionamento enfermeira-paciente. *Rev. Esc. Enf.*, USP, São Paulo, 16(3): 245-53, dez. 1982.